

Professor: **Arthur Ribeiro Costa e Silva**

E M Rotary – Belém/PA

Título Festa solidária: leitura, escrita e intervenção na comunidade

Resumo

O relato narra a realização do projeto Festa solidária com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Rotary, em Belém, Pará, que consistiu na organização de uma festa permeada por trabalhos de leitura e escrita de diversos gêneros textuais e por uma ação de intervenção em um problema identificado na comunidade, escolhida e posta em prática pelos próprios alunos. O projeto foi realizado conforme as seguintes etapas: 1) escrita de cartas para um jornal fictício, propondo formas criativas de ajudar o mundo; 2) leitura das cartas escritas pela turma e eleição da proposta-tema da festa, em que foi escolhido que a turma faria uma coleta de lixo descartado nas ruas do bairro; 3) leitura e escrita de narrativas a partir da crônica "Festa de Criança", de Luis Fernando Verissimo; 4) leitura do mito de criação do povo Guarani e confecção de esculturas baseadas na história; 5) visita à cooperativa de catadores de material reciclável Filhos do Sol para aprendizado sobre o processo de coleta de lixo; 6) escrita de convites da festa; 7) coleta de lixo nas ruas do entorno da comunidade; 8) realização da festa. O projeto foi realizado a partir de uma inquietação pessoal com a forma como a escola tratava os conteúdos, quase sempre os tornando objetos de cópias, provas e reproduções acríticas de informação, o que repercutia na conduta irrefletida dos alunos em relação ao conhecimento escolar. Alcançaram-se os seguintes resultados: 1) participação efetiva dos alunos, especialmente de alunos com dificuldades de aprendizagem e que resistiam à maioria das propostas dos professores; 2) surgimento de um senso de pertencimento e de responsabilidade dos alunos em relação ao lixo descartado irregularmente e ao próprio espaço da escola; 3) um trabalho efetivo de escrita, que produziu textos autorais e interessantes.

Planejamento

A ideia de promover o projeto Festa solidária na Escola Rotary amadureceu de duas vontades que sempre estiveram presentes em meu trabalho como professor. A primeira era a convicção de que, se "a aprendizagem da linguagem (...) situa-se no espaço entre a prática e a atividade (...), pois é nesse espaço que acontecem as maiores transformações por parte do aprendiz para a construção de práticas de linguagem" (BORGES, 2012, p. 124), os conteúdos da área da Linguagem no Ensino Fundamental despertariam maior interesse dos alunos se eu buscasse uma forma integradora de apresentá-los, na qual as turmas percebessem a necessidade de ler e escrever este ou aquele texto e compreendessem o vínculo de continuidade entre as atividades e a relação intrínseca entre a escola e a vida. A segunda era a vontade de tornar as aulas de Português um lugar em que os alunos não reproduzissem passivamente a informação dada por mim, mas participassem ativamente da decisão, planejamento e execução, integrando as dimensões conceitual, procedimental, ética, crítica e afetiva. Nesse sentido, eu queria me aproximar do que os autores Hernandez e Ventura (1998, p. 49) chamam de educação para a "globalização": "combinar a aquisição de conhecimentos, a estruturação da inteligência, e o desenvolvimento das faculdades críticas; desenvolver o conhecimento de si próprio; avivar, de forma permanente, as faculdades criativas e imaginativas; ensinar a desempenhar um papel responsável na sociedade; ensinar a comunicar-se; ajudar os estudantes a se prepararem para mudar e capacitá-los para adquirir uma visão global. Daí deriva o que os autores chamam de pedagogia por projetos de trabalho, que supõe a organização dos conteúdos e estratégias de ensino em torno de um tema central, que é aprofundado por meio de estudos e pesquisas nos quais os alunos têm protagonismo e relativa autonomia de decisão.

A Escola Rotary, à época da execução do projeto, tinha dificuldades de integrar a equipe de professores, planejar e acompanhar conjuntamente o trabalho pedagógico, o que gerava desmotivação e descompromisso da equipe, e repercutia na conduta dos alunos, que, na maior parte das tarefas, copiavam as respostas uns dos outros ou de livros e páginas da Internet, o que presenciei inúmeras vezes pelas salas e corredores da escola. Assim, trabalhar com um projeto na aula de Português me parecia o caminho para tentar mudar a relação dos estudantes com o conhecimento, ao mesmo tempo em que desenvolvessem a proficiência de leitura e escrita na língua materna, ela que fora meu objeto de estudo e paixão desde a infância, e me impulsionava agora a compartilhar suas belezas com os aprendizes. Com isso em mente, um dia, encontrei enquanto navegava na internet um texto de uma publicitária paraense, no qual ela convidava os amigos e conhecidos para comemorarem seu aniversário com uma ação solidária, doando sangue em um hemocentro de Belém. Imediatamente pensei no potencial daquela ideia para ser levada para a escola, já que, enquanto os jovens do Ensino Fundamental naturalmente gostam muito de festas, a ação solidária poderia ser o elo que permitisse as vivências que eu desejava promover.

O período letivo se aproximava, e, com os princípios em mente, resolvi inverter desde o início a relação: não escolhi o tema da festa ou a ação solidária que se realizaria. Decidi passar aos alunos apenas o plano geral do projeto, e solicitar a partir disso as ideias e sugestões deles para o que poderíamos fazer. Resolvi fazer isso já trabalhando com os conteúdos de Português, por meio da leitura e escrita de cartas para um jornal fictício, no qual os alunos teriam que propor uma forma criativa de ajudar o mundo (anexo 1). As cartas seriam depois respondidas pelos jornalistas, que seria eu mesmo comentando cada carta, já como forma de avaliação, e lidas por todos, sendo no final decidido o tema da nossa festa por meio de uma votação. Considerei, para essa etapa, as recomendações de Josette Jolibert (2006), que indica que o uso dos quadros e paredes da sala de aula para a organização e expressão das atividades é um grande favorecedor da aprendizagem no interior de uma pedagogia de projetos.

Planejei, para a etapa intermediária do projeto, a leitura da crônica *Festa de criança*, de Luis Fernando Verissimo, que, por meio da escrita de narrativas pelos alunos, serviria à reflexão sobre as diferenças e semelhanças da relação entre crianças e adultos com festas, e, para a etapa final, a escrita e reescrita dos convites que seriam distribuídos anunciando a festa. Eu já tinha, portanto, um esboço dos objetos de ensino e aprendizagem com os quais lidaríamos, permanecendo, no entanto, aberto ao que surgisse ao longo do processo. Elenquei os materiais que provavelmente seriam necessários: projetor multimídia, para compartilhar com os alunos os comandos das atividades e outros textos e imagens importantes, e cópias dos textos que leríamos. Esperava contar, nesse âmbito, com a parceria das professoras Myrna, responsável pela sala de informática, e Nádia, responsável pela biblioteca, bem como com a equipe de serviços gerais da escola, que em outros momentos já haviam colaborado com meu trabalho.

REFERÊNCIAS

BORGES, F. G. B. Os gêneros textuais em cena uma análise crítica de duas concepções de gêneros textuais e sua aceitabilidade na educação no Brasil. RBLA, v. 12, n. 1. Belo Horizonte: 2012.

HERNANDEZ, F.; VENTURA, M. A organização do currículo por projetos de trabalho o conhecimento é um caleidoscópio. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

JOLIBERT, J. et al. Além dos muros da escola a escrita como ponte entre alunos e comunidade. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Diagnóstico

A Escola Municipal Rotary, local onde o projeto foi desenvolvido, localiza-se no bairro da Condor, na periferia da cidade de Belém, estado do Pará. O bairro, localizado à margem da Baía do Guajará, que circunda parte da cidade, teve no passado grande importância geográfica e cultural, abrigando, entre outras coisas, o primeiro aeroporto de Belém e um conhecido reduto boêmio das classes média e alta. Atualmente, porém, muito pouco dessa história subsiste, e a outrora conhecida região de festas deu lugar a um aglomerado urbano ocupado principalmente por pessoas economicamente desfavorecidas, em condições de moradia e saneamento longe das ideais.

Nesse cenário, a violência, o tráfico de drogas e, principalmente, o acúmulo irregular de lixo têm destaque. É comum a presença de depósitos irregulares a céu aberto nos arredores da escola, em que se pode encontrar desde matéria orgânica até pneus, móveis e material de demolição. A insistência da população em usar a via pública como lixeira soma-se à ineficiência do poder público em proporcionar alternativas, e a grande quantidade de lixo atrai insetos, roedores e aves, que colocam em risco a saúde de quem trabalha e mora no bairro. Chama a atenção o olhar aparentemente conformado que todos parecem lançar sobre esse problema, o que provavelmente motivou os alunos a escolherem-no como mote da ação solidária, conforme veremos a seguir.

A Escola Rotary funciona em três turnos (manhã, tarde e noite), contando atualmente com cerca de 1.200 alunos matriculados, entre a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos. É uma das maiores escolas da rede municipal em número de alunos, recebendo grande parte das crianças e jovens em idade escolar residentes no bairro. Contudo, as salas de aula são pequenas para o número de alunos e mal ventiladas, a área de convivência e o refeitório são pouco amplos, e, apesar de existir biblioteca e laboratório de informática (as chamadas salas ambiente) na escola, estas não dispõem de equipamentos em número e qualidade suficientes sequer para receber uma turma de alunos. A Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), responsável por acompanhar os alunos com deficiência, embora relativamente bem equipada, tem dificuldade de dialogar com os professores a respeito do desenvolvimento desses alunos. Tudo isso limita o trabalho dos professores, que optam por dividir as turmas em grupos para utilizar esses espaços, ou, como a maioria faz, simplesmente não procurá-los. Não obstante, os projetos que são por vezes desenvolvidos nas salas ambiente quase sempre se destacam, lembrando-nos que pelo menos vale a pena lutar por elas.

A turma junto à qual realizei a Festa Solidária, do 6º ano do Ensino Fundamental, contava com aproximadamente 29 alunos, todos na faixa etária dos 10 aos 13 anos. Ao mesmo tempo em que parte dos alunos, principalmente um grupo de meninos, era bastante avesso às tarefas escolares e conhecido pelos professores por atrapalharem as aulas, outra parte as recebia sempre de forma muito positiva, interagindo com os professores e propondo ideias. Havia na turma dois alunos atendidos pela SRM, um com laudo médico atestando altas habilidades cognitivas, outro sem laudo definido, mas com suspeitas de síndrome psiquiátrica derivada de trauma. Este mantinha-se quase o tempo todo calado durante as aulas, interagindo pouco com os colegas e cumprindo as tarefas lentamente, enquanto aquele, em oposição, era ao mesmo tempo altamente interativo e psicologicamente suscetível, de modo que, quando não tinha uma de suas muitas demandas atendida, quase sempre chorava ou desistia das tarefas. Esse contexto me desafiava a, ao mesmo tempo, aproveitar e desenvolver as capacidades dos alunos com maior predisposição e cativar aqueles que apresentassem maior resistência.

Como o projeto foi desenvolvido no segundo semestre letivo do ano de 2016, eu já possuía experiência com aqueles alunos e sabia relativamente bem seu grau de apropriação da leitura e da escrita. Os trabalhos anteriores haviam demonstrado: a) uma heterogeneidade na expressão da criatividade e da autoria na escrita, em que alguns alunos conseguiam criar textos

interessantes e surpreendentes, enquanto outros, que se apegavam mais às regras e aos modelos apresentados pelo professor ou por outros colegas, não tinham o mesmo sucesso; b) uma apropriação em desenvolvimento dos critérios de coerência global, uma vez que os alunos haviam tentado por vezes abranger uma grande quantidade de informação em um único texto, tendo depois, sob minha orientação, conseguido selecionar melhor as ideias e composto textos melhores; c) um aprendizado ainda pouco desenvolvido a respeito de ortografia, regras de pontuação e outras convenções formais da textualização; e d) uma disposição significativa para o trabalho em grupo na maior parte da turma, já que tínhamos no primeiro semestre feito diversos trabalhos assim, todos divertidos e produtivos.

Desenvolvimento

O trabalho com o projeto Festa solidária teve início logo ao começar o segundo semestre letivo da Escola Rotary. No primeiro dia de aula, introduzi sumariamente o plano do que faríamos naquele período, ao que os alunos manifestaram relativa animação. Ministrei então o comando do trabalho de escrita que tinha planejado, de acordo com o qual a turma deveria escrever cartas para um jornal fictício que promovia um concurso, cuja premiação seria uma festa para o jovem estudante de escola pública que elaborasse a ideia mais criativa de ajudar o mundo. A tarefa foi dividida em um primeiro momento manuscrito, no qual o material usado foram os próprios cadernos e canetas dos alunos, e um segundo momento, de digitação, em que, sob minha orientação e com apoio da professora responsável pelo laboratório de informática da escola, os alunos revisaram sua versão manuscrita e a transpuseram para o editor de textos do computador.

Os resultados mostraram uma diversidade de propostas bastante grande, mas tiveram destaque as propostas justificadas a partir de um olhar dos próprios alunos sobre a sua realidade, como a de uma aluna que, tendo feito uma viagem de barco e constatado a situação de vida precária das populações ribeirinhas, que se aproximavam do barco pedindo alimentos e outras doações (um fato comum no entorno da baía que circunda Belém). Outra aluna contava em sua carta o dia em que vira dois filhotes de gato sendo atropelados em uma rua movimentada do bairro, e propunha a organização de um mutirão de socorro a animais abandonados. Ainda outra aluna propunha ministrar aulas de alfabetização para idosos analfabetos do bairro, argumentando a partir da dificuldade vivenciada por eles para realizar tarefas cotidianas de forma autônoma.

Optei por dar sequência à atividade propondo a leitura das cartas escritas pelos alunos, visando a fazer uma votação para a escolha da ação solidária que seria realizada junto à festa. Assim, imprimi as versões digitadas de cada carta em um tamanho de letra ampliado e grudei nas paredes com fita crepe, surpreendendo os alunos no início da aula seguinte com a sala de aula repleta de cartas! Para estimulá-los ainda mais, inseri em cada carta uma resposta dos jornalistas, um comentário meu sobre a ideia e a organização do texto, falando como se fosse a própria equipe de jornalistas enviando um *feedback* ao autor. A proposta foi muito bem recebida, e os alunos passaram um bom tempo da aula lendo carta por carta, a maioria com muita atenção e concentração e trocando ideias entre si a respeito do que liam, como se pode ver no material anexo (anexo 1).

Assim como o conteúdo das cartas era diverso, como dito acima, as preferências da turma também foram diversas, o que se refletiu no placar da votação. A proposta escolhida foi a do aluno Davi, que propôs a coleta de lixo das ruas do entorno da escola, argumentando, a partir de uma interessante visão global em que ele defendia que o lixo jogado nas ruas, além de entupir a rede de esgoto e prejudicar o saneamento, poderia também ir parar nos mares e oceanos e contaminar a fauna e o ecossistema marinho, repercutindo em mais danos à saúde pública. Importante observar que o aluno autor da carta era um dos atendidos pela Sala de Recursos

Multifuncionais, citados na seção anterior, e o teor de sua carta relacionava-se claramente a seu gosto por estudar a vida marinha, já conhecido por toda a turma, que admirava diariamente sua habilidade de dar forma perfeita a baleias e tubarões com massinha de modelar.

A votação do tema da festa foi, porém, marcada por um fato que me alertou. Um grupo de alunos da turma, justamente aquele conhecido pelos professores por resistir duramente às atividades escolares, participou de maneira jocosa da atividade, pois dedicaram-se muito pouco a ler as cartas e combinaram, entre risos, para votarem todos na proposta de Davi, o que tinha mais aparência de deboche em relação à ideia e ao texto do que de uma opção responsável. Os votos desses alunos foram decisivos para a diferença no resultado; contudo, como várias outras pessoas também tinham votado naquela ideia, e como também não houve nenhuma agressão ostensiva a Davi nem a nenhum outro aluno, optei por aceitar o resultado da votação, observando especialmente, a partir dali, a participação daquele grupo de alunos nas tarefas do projeto. Escolhido o tema, embora o trabalho com os alunos não pudesse parar, eu precisava de um certo tempo para analisar as possibilidades de trabalho com ele. Assim, dei início ao trabalho com a crônica *Festa de criança*, de Luis Fernando Verissimo. O texto, que retrata comicadamente um casal de pais que acaba de dar uma festa para o filho e os amigos e contempla esgotado os resultados da bagunça generalizada feita por eles, desde o início foi bem recebido pela turma, que se divertiu com os diálogos cheios de ironia construídos por Verissimo. Ao longo da leitura, alguns alunos contaram experiências pessoais de festas em que haviam estado e que também haviam resultado em confusão, e qual tinha sido a reação dos adultos sobre aquilo.

A certa altura da crônica, os pais que dialogam fazem referência a uma festa de aniversário do marido, realizada tempos atrás:

— *Você não pode falar. Você também gosta de fazer festa no seu aniversário.*

— *Mas nós somos finos. Nenhuma festa teve guerra de chocolate. Nos embebedamos como pessoas civilizadas.*

— *Ah, é? E o anão com o trombone?*

— *Essa história você inventou. Não havia nenhum anão com um trombone.*

— *Ah, não? A Araci é que sabe dessa história. Só que ela foi embora no mesmo dia.*

Esse trecho foi o mote da tarefa de escrita que ministrei em seguida à leitura: os alunos deveriam contar em uma crônica a história dessa festa de adultos da qual um pitoresco anão com um trombone havia participado. Minha expectativa era de que os alunos, percebendo a graça e a ironia feita por Verissimo em relação ao comportamento das crianças em uma festa, elaborassem uma resposta igualmente irônica, dessa vez oferecendo ao riso a conduta dos adultos que, a rigor, também apresenta muitos pontos não tão finos como afirma o pai.

O processo e o resultado da escrita dos alunos me deram a certeza de que a atividade era significativa para boa parte deles. Um grupo de alunas não demorou a propor que os personagens de seu texto fossem seus próprios pais, que, segundo elas mesmas, eram um bom exemplo de comportamentos patéticos, que vez ou outra deixavam as filhas em situações complicadas. Uma das meninas, que se colocou como personagem da própria história, integrou em seu texto, além dos pais, diversos personagens reais, como amigos e filhos de amigos:

De repente chega um monte de gente estranha que eu nunca vi, então perguntei:

— *Pai, quem são essas pessoas?*

— *São meus amigos. De repente chega um amigo do papai do jiu-jitsu. O filho dele é o capeta, chegou me jogando chocolate e pedras. 11 horas e o capeta dormiu.*

Outros parentes e até padrastos e madrastas, com os quais a maioria dos alunos manifestou ter uma relação tensa, também entraram nas histórias. Essa mesma aluna do trecho anterior descreveu Jéssica, a namorada do pai, de forma implacável:

Quando o anão faz uma pausa e vai falar com a falsa e interesseira da Jéssica, e ela não tava nem aí pro anão. Ele fala:

—Jessiquinha, não quer brigadeiro, macaxeira?

—Não quero nada de você.

—Nem um chopp?

—Quantas vezes eu tenho que dizer que eu não quero nada de você, seu anão burro?

O principal fato abordado nos textos foi o consumo de álcool, seguido de decepções em relações de afeto, dois dados que podem ser entendidos como muito característicos da vida dos adultos. Uma aluna, ao narrar os acontecimentos da festa, acrescenta a esses dois fatores o lado cômico das brigas entre vizinhos, outro dado marcante da vida adulta:

—Quando tocou Pablo do Arrocha, tinha um homem que a sua esposa tinha ido embora. Ele começou a chorar, outros ficavam gritando. Uma velha que morava lá do lado começou a dizer que ia ligar para a polícia. Que nada, só era pra fazer a cena. Um porre caiu em cima da mesa do bolo que empurrou o outro que jogou a mesa das cervejas, aí começou a maior bagunça.

O julgamento das crianças sobre tudo isso também encontra espaço nos textos. A mesma aluna dos trechos citados acima faz isso inserindo na história um amigo seu, com o qual conversa, vexada, sobre a conduta dos adultos:

—Ele subiu em cima da mesa com o trombone, fantasiado, tocando as músicas das antigas no trombone. Voltou para o banheiro e desta vez voltou de Valesca Popozuda, cantando Beijinho no ombro. Chegou um amigo meu e se aproximou e disse:

—Nossa, que brega, cara.

—Nem me fale, migo. Amanhã vai ser o maior falatório dessa [festa] cheia de gente cachaceira, e vai ser o maior mico.

Decerto, não foram todos os alunos que alcançaram resultados significativos em seus textos. Alguns se limitaram a construir histórias genéricas, sem riqueza de detalhes, nas quais, embora constassem os dados do anão com o trombone e da bagunça na festa, não haviam posicionamentos subjetivos de comicidade ou de ironia em relação àquela situação. Retomo a discussão sobre essa parte do trabalho a seguir, na seção de avaliação. Os textos citados estão, na íntegra, nos anexos, preservando a ortografia e a translineação originais (anexo 2).

À altura da finalização do trabalho com a crônica, eu já tinha uma dimensão aproximada do que poderíamos fazer a respeito da ação solidária escolhida. Descobri que, bem próximo à escola, ficava uma cooperativa de catadores de material reciclável poeticamente denominada Filhos do Sol, que inclusive tinha vínculo com a Prefeitura de Belém, ou seja, era da mesma jurisdição da nossa escola, o que poderia facilitar a ligação entre uma e outra. Fui muito bem recebido pelos administradores e catadores da cooperativa quando a visitei pela primeira vez, em que se dispuseram a receber os alunos que realizavam o projeto, explicar sobre o processo de coleta do lixo das ruas e esclarecer as dúvidas e curiosidades dos alunos. Eu estava, então, irremediavelmente provocado por essa disponibilidade afetuosa dos trabalhadores, bem como pelo nome da cooperativa, o que me despertou o desejo de homenageá-los de alguma forma. Foi quando, por meio de pesquisas na internet, cheguei ao mito de criação do povo Guarani, etnia indígena do sul-sudeste do Brasil, que se autointitulam os filhos do sol, devido à tradição

do povo de buscar Yvy Mara Ey, a terra sem mal, guiados por Kuaray, o deus sol que havia criado esse lugar. A bela narrativa oral da origem do mundo pela magia de Kuaray, em que este é criado por onças até ser alertado por um papagaio sobre os perigos de conviver com elas, como é registrado por pesquisadores em alguns artigos científicos, ofereceu-se como mais uma oportunidade de compartilhar histórias com os alunos, dessa vez não pelo viés da comédia, mas do encantamento, da lenda e da vivência dos povos originários do Brasil, tão vilipendiados quanto o meio ambiente do qual queríamos cuidar. Uma amiga com quem compartilhei a ideia acrescentou a sugestão muito sensível de levar argila para a escola, para que os alunos construíssem esculturas baseadas na história de Kuaray. O gesto sutil de pôr a argila para secar ao sol representaria nossa oferenda de gratidão ao deus sol do povo Guarani, e as obras dos alunos poderiam servir depois para presentear a cooperativa.

O dia de contação da história e produção das esculturas foi marcado por muita animação dos alunos, que manifestaram vivamente a expectativa de receber a argila nas mãos, com algumas alunas afirmando inclusive já ter feito trabalhos anteriores com o material. As esculturas, feitas livremente pelos alunos, representaram diversos momentos da história, com alguns alunos optando por dar forma a um Kuaray adulto, já ornamentado com adereços e roupas indígenas, e outros preferindo remeter a argila a personagens da infância do deus, como as onças e o papagaio. Outros alunos construíram símbolos e objetos presentes no mito, como vasilhas indígenas e o próprio Sol. Uma escultura, feita pelo aluno Erick, chamava a atenção em especial, pois representava caprichosamente e com detalhes muito bem acabados o bebê Kuaray, cercado por uma onça e um papagaio pousado em um galho de árvore. Era uma escultura que praticamente nos contava a história do mito, e cabia na palma da mão! Logo vi que aquela seria a peça escolhida para presentear a cooperativa.

Sequer havia ainda chegado o grande dia da ação solidária, e eu e os alunos já não nos contínhamos de entusiasmo pela visita à cooperativa, que foi realizada em uma tarde de sexta-feira, para a qual contei com o apoio das professoras das salas ambiente e com uma auxiliar de serviços gerais da escola, todas pessoas que manifestavam grande simpatia pelo trabalho. A proximidade da escola em relação à cooperativa permitiu que fizéssemos o caminho a pé, o que foi importante tanto para fazer uma identificação preliminar dos pontos e dos tipos de lixo depositado nas ruas quanto para que os alunos, como moradores do bairro, contribuíssem com informações sobre ele, como locais de moradia de pessoas que acumulavam lixo reciclável, pontos de alagamento em tempo chuvoso, bem como o local em que os próprios alunos moravam, o que lhes daria maior segurança ao circular pelas ruas recolhendo o lixo. Chegando à cooperativa, imediatamente chamou a atenção dos alunos a quantidade de lixo acumulado, dos mais variados tipos, desde papelão e papel comum, passando por vasilhames plásticos, caixotes de madeira, livros e revistas, até material pesado, como mesas e cadeiras de ferro. A catadora Patrícia nos recebeu e esclareceu as diversas dúvidas que surgiram: sobre as etapas de reciclagem do material, os cuidados necessários para a coleta, e o perigo do acúmulo de baratas, ratos e outros animais.

Após os alunos explorarem o que quisessem do pátio da cooperativa, acompanhados por Patrícia, propus que entrássemos na pequena casa que havia no terreno da cooperativa, com uma sala onde poderíamos, como desejávamos, agradecer a acolhida e prestar-lhe uma homenagem. Os alunos fizeram, então, a leitura do mito guarani com a história de Kuaray, e entregamos à nossa anfitriã a escultura feita por Erick, que ela recebeu com um grande sorriso no rosto. Porém, o momento que considerei mais significativo estava ainda por acontecer: seu Jorge, o diretor da cooperativa e também catador, chegou quando já estávamos nos despedindo, e Patrícia pediu que ele explicasse aos alunos e a mim a origem do nome Filhos do Sol. Ele respondeu que fora em um sonho que, tempos atrás, quando ainda era catador em um lixão de Belém, ele recebera

um aviso de que, se conseguisse um dia montar uma cooperativa, não esquecesse de fazer menção ao sol no nome dela. Juntando essa onírica e singela recomendação ao desejo de homenagear a própria mãe e a figura materna, que, segundo seu Jorge, era universal, pois filhos somos todos nós, ele chegou ao nome que estampava a placa na entrada do local. Quase sem palavras, só consegui agradecer por aquela aula de sensibilidade vinda de um homem negro, idoso e pobre, mas que fora capaz de triunfar e conquistar seus sonhos sem perder a humildade, e retirei-me com os alunos.

Chegou, por fim, o dia da grande ação solidária, que foi recheada de boas surpresas desde a véspera, quando recebi um telefonema da mãe do aluno Kaio, aquele aluno que pouquíssimo interagira na turma, que tinha um histórico de rejeição familiar e um diagnóstico sugerido de trauma psicológico. Quando a mãe se identificou, eu esperava, já com tristeza, que ela fosse negar a participação do menino na atividade; porém, o que ela desejava era apenas adquirir mais segurança acerca do que seria feito, como e sob a supervisão de quem, pois, segundo ela, o filho estava muito animado, pedira para ela comprar luvas (conforme Patrícia tinha recomendado) e pedira encarecidamente para ela permitir a participação dele. Emocionado, garanti que tudo se daria com segurança e atenção redobrada.

No dia seguinte, cheguei à escola e só se falava disso na turma. Os alunos mal prestavam atenção ao mapa dos arredores que desenhei no quadro, tentando organizar quem iria para qual parte do bairro. Luvas, sacolas grandes de lixo, bonés e até capacetes eram exibidos e compartilhados entre eles. Veio, então, uma notícia abaladora: conversando com a coordenação, soube que todas as professoras e funcionárias que acompanhariam a coleta nas ruas haviam faltado naquele dia, o que deixava a turma inteira dependente só do meu monitoramento. Não pensei muito, para não correr o risco de optar pelo adiamento; fui aos alunos e anunciei claramente que eu estaria com cada grupo na medida do possível, mas que eles estariam praticamente sozinhos na caminhada, e que cada aluno era responsável por seu colega de grupo assim como era responsável por si mesmo no percurso das ruas. Então, não sem uma ponta (grande) de receio, saímos para a rua, na qual os seis grupos que foram formados, com quatro ou cinco alunos em cada, sumiram de vista em menos de um minuto.

Após acompanhar por alguns minutos um dos grupos, no qual estava o aluno Kaio, que trabalhava muito bem e com muita autonomia na rua principal que dava acesso à escola, reforcei o pedido de que não se afastassem muito, e pus-me a caminhar rápido procurando os demais grupos. Tive a satisfação de logo encontrar o grupo dos alunos que havia se comportado com deboche no dia da votação, e perceber que eles já estavam com seus sacos de lixo quase cheios, ou seja, tinham participado com grande afinco do trabalho. Mais adiante, localizei um terceiro grupo, o que tinha trazido mais equipamentos de segurança, e que já recolhera uma boa quantidade de sacos de lixo, guardara-os na escola, e estava agora em sua segunda jornada. Percebi que eles planejavam o percurso de acordo com o local da residência de alguns deles: iam pegando o lixo ao longo de uma rua que ia dar na casa de uma aluna, onde repousavam e se hidratavam, e voltavam depois por outra rua, recolhendo mais lixo. Refleti naquele momento se aquela dinâmica seria possível se houvesse um adulto acompanhando. Próximo dali, outro grupo também fazia a coleta, com o auxílio luxuoso de um deles que pedalava sua bicicleta, e verificava pontos de acúmulo de lixo ao longo do percurso, voltando para avisar os outros, que iam até lá e recolhiam.

O fim do horário previsto para a tarefa se aproximava, por isso retornei à escola, entre a alegria pelo que tinha visto e, novamente, o temor de que os grupos que tinham estado sozinhos não retornassem, ou trouxessem alguma notícia desagradável. Novamente fui surpreendido; não só todos retornaram dentro do horário para a escola repletos de lixo, como trouxeram histórias divertidas e curiosas. O grupo no qual estava o aluno Davi, portador de altas habilidades

cognitivas, reclamava que ele desaparecera em dois ou três pontos do trajeto deles, e ele retrucava, rindo, dizendo que tinha um chip na cabeça e que conseguia se orientar muito facilmente, e em nenhum momento tinha se considerado perdido, tanto que encontrara os colegas ao retornar. Um outro grupo contava que mais de um morador os chamara enquanto passavam na rua para entregar-lhes sacos cheios de garrafas plásticas e embalagens, e que um grupo de homens que conversava em um bar tinham até aplaudido a ação. Um terceiro grupo chegou avisando que um senhor, identificado como pai de um aluno da escola, tinha-os visto coletando o lixo e chamado de irresponsável quem tinha proposto aquela tarefa, e que iria denunciar à escola o fato. Felizmente, o tom de voz dos alunos não era de concordância com o homem, pois pareciam muito satisfeitos com o que tinham feito. Percebi, contente, que a ação fora um sucesso. Tínhamos cerca de vinte sacos de lixo cheios acumulados, que, empilhados no pátio da escola, davam a quem passasse a ideia da quantidade de lixo que era jogado sem critérios pelas ruas.

Antes da grande festa, outro tipo de texto não podia faltar: o convite, que seria distribuído a parentes e amigos dos alunos. Esse convite foi composto por eles mesmos, em duas tardes no laboratório de informática, em que eles puderam escrever o texto e escolher imagens da internet para elaborar um convite multissemiótico e atrativo. Alguns trabalhos chamaram a atenção: um aluno escreveu o convite justapondo a imagem de um catador de lixo à imagem de um super-herói de um jogo de videogame, provocando o leitor com uma pergunta: o que eles têm em comum?, cuja resposta, segundo ele, era que os dois vão à luta todo dia. Dois alunos escolheram a icônica imagem do gari carioca Renato Sorriso executando um passo ousado junto a um camburão de lixo para dar ao mesmo tempo a referência à ação realizada e a ideia de como a festa seria animada. Outras alunas, mais discretas, escolheram balões e foguetes para ilustrar seu texto, porém escreveram com riqueza de detalhes sobre a ação realizada, o que mostrava seu amadurecimento da ideia central do projeto. Depois, mostrei na sala de aula todos os convites compostos, e, percebendo que cada um tinha algo especial, os alunos optaram por misturar dados de cinco das produções para formar o convite oficial da turma.

Chegou, por fim, o dia da grande festa, para o qual cada aluno cumpriu rigorosamente sua parte de levar algo de comer ou beber. Mas o que chamou atenção, para além da comemoração, foi a atenção que eles deram ao lixo que seria produzido. Uma aluna, Lidmilly, trouxe de casa uma caixa decorada por fora, que teria a função de lixeira, e a equipe responsável pela decoração não se esqueceu de amarrar sacolas de lixo nos cantos da quadra onde seria realizada a festa, para o descarte adequado dos resíduos. Em uma escola onde o descarte de lixo no chão, principalmente papéis, restos de alimentos e embalagens de doces, essas iniciativas mostravam que algo tinha mudado na concepção daqueles alunos.

Avaliação

Aprendizagem

Diversos resultados foram observados no projeto Festa solidária. Em primeiro lugar, o que considero mais importante, foi que a integração da turma como um todo em torno do objetivo foi capaz de provocar à participação, à leitura e à escrita até mesmo os alunos conhecidos por resistir a todos os tipos de atividade, seja por comportamento, como o grupo de alunos que começou o projeto com uma atitude debochada e terminou participando efetivamente das últimas etapas, seja por condição clínica, como o aluno Kaio, que apreendeu profundamente o sentido do projeto e participou e interagiu na coleta como nunca se tinha visto. A maturidade e a autodisciplina com que os alunos se comportaram, especialmente no dia da coleta de lixo nas ruas, mostrou que o trabalho em grupo, oportunizado pelos momentos interativos e pelas decisões coletivas que permearam o projeto, também amadureceu ao longo do processo. Os

textos escritos por eles, individualmente ou em duplas, também demonstram progresso nos critérios específicos da disciplina de Português, especialmente a leitura e a escrita autoral, coerente e crítica. O humor, a subjetividade, a ironia, a sensibilidade que estão presentes nos textos é evidência de que a interligação das etapas do processo foi percebida pelos alunos e despertou engajamento da maioria deles.

Os alunos também mostraram outros aprendizados que vão além da grade disciplinar. Após o fim do projeto, alguns deles me procuraram novamente, propondo ideias como uma noite de contação de histórias de fantasmas em que todos dormiriam na escola, um passeio para um parque ou um museu, entre outras. Isso mostra que o projeto acendeu neles um sentido de pertencimento e de possibilidade de realizações dentro da escola, o que antes não se via. Podemos esperar, portanto, que essa experiência significativa produza jovens com maior senso de responsabilidade pelo lugar em que estão.

Para mim, a experiência trouxe muito mais confiança, não só em meu trabalho e em minha posição de liderança, mas principalmente confiança nos alunos. Confiança de que, dando-lhes autonomia e poder de intervenção, os trabalhos elevam-se à sua máxima potência. Confiança de que a interação entre eles e o aproveitamento dela para o trabalho escolar pode produzir resultados brilhantes, não apenas destrutivos, como pensam ainda muitos professores.

O projeto Festa solidária, sem dúvida, será retomado nesse ano de 2017 e em anos posteriores, pois o evento da festa, a comemoração coletiva, terá ainda por muito tempo seu apelo alegre, sedutor, para adultos e crianças, e também porque ainda há muito a se fazer na comunidade da Escola Rotary, como demonstra a diversidade de propostas elaboradas nas cartas. De festa em festa, ano após ano, poderemos certamente amadurecer o sonho de tornar a escola novamente um lugar central na vida da comunidade, de onde irradiem propostas transformadoras, e onde sejam formados os cidadãos que herdarão o mundo e o tornarão um lugar de convívio feliz.

Reflexão

A experiência do projeto Festa solidária certamente pode ser replicada em outros contextos, pois tanto a festa quanto a solidariedade são signos universais, facilmente assimiláveis por alunos de todas as idades. Para tanto, é necessário que o professor esteja aberto a receber as propostas dos alunos, a entender que a interação entre eles e o aproveitamento dela para o trabalho escolar produz resultados brilhantes, não apenas destrutivos. Principalmente, é necessário entender os conteúdos escolares como indelevelmente ligados à vida e às possibilidades de construção e intervenção nela, e não meramente como objetos de cópias, provas e reproduções acrílicas de informação. Tal é a base do trabalho por projetos.

Fazendo isso, o professor pode esperar uma resposta muito positiva dos alunos, que lerão, escreverão e construirão parcerias entre si e com o professor com muito mais facilidade. Especialmente, o professor pode esperar para si mesmo uma grande realização profissional e pessoal, pois, se sentimos nosso dever cumprido ao ver os alunos bem instrumentalizados com a cultura científica latente em nossas disciplinas, é ao vê-los felizes, abertos ao aprendizado e à complexidade da vida que temos nossa função plenamente exercida.